A IMAGEM DO INDÍGENA NO JORNAL A GAZETA DE AMAMBAI (2007)

Carollyne Cavanha Recalde¹; Renata Lourenço²

Resumo

O trabalho que aqui se apresenta é o resultado da análise das representações dos Guarani-Kaiowá por parte do jornal *A Gazeta*, do município de Amambai, no decorrer do ano de 2007. Os jornais analisados são referentes ao dia 05/01/2007 até o dia 21/12/2007, totalizando noventa e seis jornais dentre os quais, sessenta e seis possuíam alguma notícia relacionada ao indígena. O espaço e tempo sobre qual o trabalho se debruça é local privilegiado, uma vez que, no ano proposto à análise, uma grande discussão girava em torno da temática sobre a demarcação de terras indígenas e sobre o possível fechamento da sede da FUNAI, em Amambai.

Palavras-chave: História Indígena. Sociologia. Representação

Introdução

Segundo a jornalista Isabela Schwengber “a notícia é o principal e o único produto da imprensa que não tem o objetivo de expressar opiniões”, mas a mesma reconhece em seu livro “Quando o MST é notícia”, que “a imparcialidade é um paradigma perseguido pela imprensa, mas não existe de fato” (SCHWENGBER, 2008, p. 24).

O jornal *A Gazeta* foi fundado em 03 de junho de 1994 como *Gazeta de Amambai* e tinha como número de tiragens 200 exemplares. Hoje, esse número chega a dois mil exemplares que circulam todas as terças e sextas-feiras em doze cidades³. *A Gazeta* integra o *Grupo de Comunicação Gazeta* que, além do jornal impresso, conta com um site, uma gráfica e uma revista mensal.

Material e Métodos

Para a produção do trabalho o projeto de Iniciação Científica foi dividido em duas etapas. Na primeira, fez-se uso de textos e obras históricas que abordavam as representações sofridas pelos indígenas no período da colonização e no chamado Brasil República. Essa abordagem histórica permitiu entender como se constituiu uma imagem negativa acerca da cultura indígena, bem como sua transformação no decorrer do tempo.

¹ Estudante do curso de Ciências Sociais da UEMS, Unidade Universitária de Amambai. E-mail: recalde.k@hotmail.com

² Orientadora. No decorrer do trabalho a mesma foi substituída pela Professora Doutora Márcia Maria de Medeiros.

³ As doze cidades pela qual o jornal circula são: Amambai, Ponta-Porã, Aral Moreira, Laguna Caarapã, Coronel Sapucaia, Paranhos Sete Quedas, Tacuru, Iguatemi, Eldorado, Japorã, Mundo Novo, Juti, Caarapó e Campo Grande. As informações citadas foram tiradas do jornal *A Gazeta*, referente ao dia 1º de junho de 2010/ Ano XIV – Nº 1167.

À segunda parte, a análise, que antes se voltava à análise bibliográfica, passa a abordar o modo como o indígena é representado pelo jornal *A Gazeta*, de Amambai, no ano de 2007. O trabalho parte de uma abordagem interdisciplinar, envolvendo Sociologia e História. O diálogo feito entre essas duas disciplinas permitiu entender, sob uma perspectiva histórica, o modo como o indígena é representado em tempos hodiernos.

Discussão Teórica

A comunicação é parte inerente de todo o ser humano. Este, com necessidade de entender o mundo a sua volta, criou meios de comunicação, como por exemplo, os jornais impressos que, através de instituições, expõem opiniões e acabam por influenciar o pensamento de quem os lê.

Percebido, portanto, que “um documento sempre é portador de um *discurso* que, assim considerado, *não pode ser visto* como algo transparente” (FLAMARION e VAINFAS, 1997, p. 377), o que existe é um discurso que permite, direciona e condiciona o que Peter Burke chama de “construção social da realidade” (BURKE, 2005, p. 101).

Diante dessa exposição é possível evocar as palavras de Flamarion e Vainfas, em seu texto “História e análise de textos”, segundo as quais:

Todo fenômeno social é suscetível de ser lido em relação ao poder (...) “as condições de produção” de um discurso tem a ver com o ideológico, com os valores sociais da sociedade que o produz, ao passo que “as condições de seu conhecimento” dependem do poder, isto é, das instâncias capazes de legitimar ou não a sua aceitação na sociedade” (FLAMARION e VAINFAS, 1997, p. 378).

Partindo à análise do jornal *A Gazeta*, têm-se no primeiro jornal do ano de 2007, uma notícia sobre uma briga entre indígenas, onde o autor Wilson Nascimento se refere ao indígena, que lhe disse não ter começado a briga, como “*silvícola*, que aparentava visível estado de embriaguês” (*A Gazeta*). No “Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”, o adjetivo silvícola indica “aquele que vive ou nasce nas selvas, selvagem, selvático” (FERREIRA, 2004, p. 1846). Tal atribuição faz lembrar a imagem que Lilian Katri Moritz Schwarcz, em seu texto “A travessia da Calunga Grande. Três séculos de imagens sobre o Negro no Brasil”, traz sobre a questão da “descoberta” do Novo Mundo:

Contam os historiadores que, com a descoberta do Novo Mundo, o imaginário ocidental se voltou - entre encantado e assustado - para esse novo continente. Por certo a atitude era, no mínimo, ambígua. Afinal, se com relação à natureza as representações insistiam na edenização na idealização de um paraíso perdido recém-descoberto, já no que se refere aos “naturais” a maior parte das imagens reafirmavam uma certa detração ou, ao menos, a estranheza diante desses homens sem “fé, lei ou rei”. Polígamos, politeístas e, sobretudo, com suas “vergonhas à mostra”, esses habitantes das Américas representavam quase a não-humanidade (...). (Schwarcz, 2001, s/n).

O jornal *A Gazeta*, enquanto instância, vem a legitimar um discurso que há muito se tem, envolvendo indígenas e fazendeiros, estes últimos, sempre são representados, como mostra o trecho a seguir:

A invasão perpetrada pelos indígenas da aldeia Taquapery na fazenda Madama, propriedade do produtor e associado Antonio Vendramini, gerou indignação da classe produtora e da sociedade em geral. O presidente do Sindicato Rural de Amambai, Christiano Bortolotto, é um dos mais impressionados com a atitude sem sentido e sem qualquer embasamento legal por parte dos invasores que alegam ser terras de seus antepassados um lugar que se quer há estudos antropológicos executados ou disponíveis. Segundo o presidente do Sindicato, “a atitude dos invasores é oportunista, ilegal e só serve para gerar mais insegurança na nossa região”. (*A Gazeta*).

Percebe-se que o jornal não somente toma um partido, mas coloca todos os membros da sociedade como vítimas indignadas pela ação tomada pelos indígenas e, enquanto presidente e “gente importante”⁴, a opinião de Christiano Bortolotto, de que os índios (invasores) são “oportunistas”, ganha destaque. É como se os indígenas vivessem apenas dessas atividades “ilegais”, sendo, portanto, criminosos. Interessante notar que essa não é somente a sua opinião, mas de toda a “classe produtora”, uma vez que ele não fala por si e sim pela instituição Sindicato Rural. Outro fator a observar é a utilização da Antropologia por parte do *A Gazeta*, nessa passagem o jornal a coloca para legitimar uma atitude “sem sentido”, enquanto em uma outra notícia, ela, ou melhor, os antropólogos, possuem “uma idéia, de certa forma irresponsável”, já que, segundo o jornal:

Antropólogos e ONGs ligadas à defesa indígena, como CIMI – Conselho Indigenista Missionário Indígena ligado à Igreja Católica, defendem que os indígenas devem aumentar sua população como forma de pressionar o governo por mais terras. (...) Nós aqui vemos as dificuldades das famílias indígenas e os problemas comuns que enfrentam, como suicídios, estupros, alcoolismo e drogas, conseqüências, muitas vezes, da falta de planejamento e estrutura familiar. (*A Gazeta*).

O jornal, que antes defendia os estudos antropológicos, mostra não conhecer o trabalho de um antropólogo, uma vez que cabe a ele o estudo da área e não a demarcação e defesa dos indígenas. Mais uma vez o jornal fala pela sociedade e contribui, com a idéia primeira de que os indígenas não possuem planejamento familiar, não levando em consideração que cada cultura possui sua dinâmica própria. Novamente, o jornal legitima suas palavras, quando, na chamada “opinião pública” e sob uma pergunta em relação ao favorecimento ou não do controle de natalidade nas aldeias, os entrevistados respondem que:

(...) Nas aldeias o controle diminuiria a mortalidade [sic] infantil e a diminuição da demanda de terra e miséria. (...) A estrutura familiar dos índios não é apropriada para uma boa criação e educação dos filhos, com reflexos na sociedade em geral.

⁴ Referência feita ao presidente do Sindicato Rural, Christiano Bortolotto, em uma seção intitulada “Coluna Social”.

(...) os índios estão lotando as aldeias e acabam vindo para a cidade, se tornando índio “desaldeado” e vivendo como mendigos. (A Gazeta).

De todos os entrevistados, nenhum era indígena e, assim como em todas as outras opiniões públicas, a voz mais presente era a do proprietário rural e do agrônomo. Os indígenas que, constantemente estavam presentes nos noticiários, quase não possuíam voz, exceto em uma carta divulgada, onde “as lideranças indígenas Guarani e Kaiowá das 22 terras indígenas do sul do Estado de Mato Grosso do Sul” (A Gazeta), vinham, através daquela carta, destinada ao presidente da FUNAI, deputados estaduais e federais, senadores, prefeitos e vereadores de MS, pedir encarecidamente o apoio de todos para a reativação da FUNAI no município de Amambai e expressar indignação pelo modo como são tratados, especialmente pela FUNAI. Eis um trecho da carta:

Fizemos varias tentativas com as autoridades municipais, estaduais e federais para garantir nosso interesse e direito constitucional, mas só ouvimos mentiras e promessas. Parece que estão brincando com o nosso povo. Não sabemos mais em quem confiar. Estamos praticamente abandonados pela funai. Hoje tivemos mais uma decepção por parte do chefe de Dourados Sr. Eliezer Cardoso que marcou com o prefeito e vereador uma reunião na cidade de Amambai, aonde recusou o convite das lideranças para uma conversa no prédio da funai, dizendo que para ele não existe lideranças e que não tem compromisso com nenhuma liderança então não vai conversar com nenhuma e que seu compromisso era com o prefeito e vereador. Oras se ele é representante da funai deve sim obrigação para os índios os quais são o motivo da existência da funai e ele esta sendo pago para nos dar assistência. (A Gazeta).

Os “silvícolas”, por vezes embriagados, autores de furtos de bicicletas, que não possuem planejamento familiar vindo, conseqüentemente, a invadir a cidade, demonstram agora que possuem força de mobilização e que conhecem sim seus direitos garantidos pela constituição, o que falta, portanto, é o reconhecimento por parte do outro, das autoridades que deveriam garantir o direito de todos, não somente das “gente(s) importante(s)”.

Na edição seguinte, uma foto prende a atenção, sob enunciado de uma reunião que as lideranças indígenas terão com o Puccinelli e Delcídio Amaral, tem-se a imagem de uma “mãe, com um filho de colo, consumindo “cachaça” em plena luz do dia na praça central da cidade.” (A Gazeta). Desviando a atenção do assunto tratado na edição anterior, que é a falta de assistência à população indígena, a uma problemática que faz parte, não somente da comunidade indígena, mas de toda a sociedade, *A Gazeta*, utiliza-se de uma foto para relacionar os indígenas a uma imagem negativa, reduzindo-os somente àquilo, fazendo com que percam a credibilidade de qualquer movimentação e de forma imperceptível a leitores menos críticos, cristalizam aquela imagem não somente nas páginas dos jornais mas nas mentes de quem lê.

De fato existe uma problemática em torno da questão indígena que precisa ser resolvida, mas não é somente nas aldeias que existem problemas, há que se observar que todas as sociedades, os problemas estão postos, simplesmente à espera de resolução. O que o presente trabalho buscou demonstrar é a atuação do jornal perante esse confronto “fazendeiros *versus* indígenas” e que o próprio jornal cria, na medida em que, falando da comunidade indígena, dá voz aos fazendeiros, não permitindo assim, nenhuma contra partida.

Não existe imparcialidade, neutralidade e diferente de tudo o que é sólido, as palavras, quando transpostas no papel, não se desmancham no ar. Possuem o poder de transformar e criar caminhos e, enquanto discurso que emanam do poder e do ideológico, detêm a capacidade de representar o outro e a si próprio, cristalizando imagens e conotando adjetivos. Adentram aos olhos, habitam mentes e, num processo contínuo, através de seleção e ressignificação, saem pela boca com todo o poder de, novamente, modificar e gerar caminhos.

Agradecimentos

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a Clésio Damasceno Ribeiro, por me permitir fazer uso dos arquivos do jornal A Gazeta, a professora Márcia Maria de Medeiros pela enorme contribuição e Fábio, pela ajuda e paciência.

Referências

A GAZETA, Amambai - MS, 2007.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* (tradução Sérgio Goes de Paula). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). “História e análise de textos” In: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus. 1997. p. 375-400.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

SCHWENGBER, Isabela. *Quando o MST é notícia*. Dourados: UFDG, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. *A travessia da Calunga Grande. Três séculos de imagens sobre o Negro no Brasil. (1637-1899)*. In: Revista de Antropologia. v. 44, São Paulo, 2001.